

Reportagem de Capa



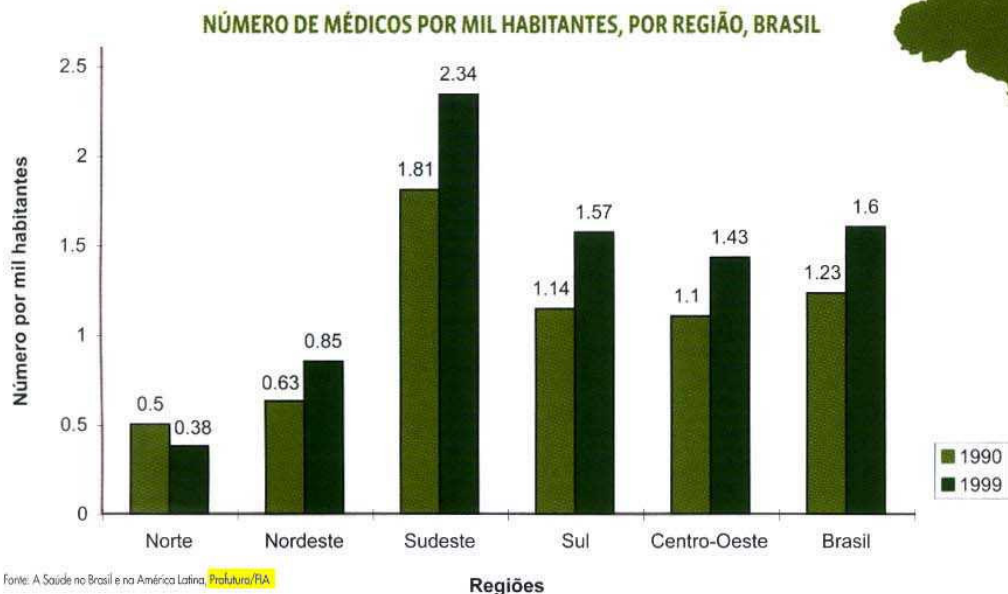
Além da **MEDICINA**

ANA PAULA MARTINS - amartins@itmidia.com.br

No centro do sistema de saúde, o profissional médico brasileiro tem grandes desafios a vencer. Diante de uma concorrência acirrada, de pacientes mais exigentes e de condições de trabalho desgastantes, os médicos precisam estar prontos a atender às novas demandas. Conheça o perfil desses profissionais no Brasil e os impactos de sua atividade no sistema de saúde

Reportagem de Capa

2009-03-01



DISTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS PELO BRASIL

Acre	420
Amazonas	2561
Amapá	350
Pará	4694
Roraima	294
Tocantins	818
Norte	10090

Alagoas	3186
Bahia	11804
Ceará	6601
Maranhão	2600
Paraíba	3633
Pernambuco	9669
Piauí	2074
Rio Grande do Norte	2978
Sergipe	1989
Nordeste	44624

Distrito Federal	6849
Goias	6290
Mato Grosso	2441
Mato Grosso do Sul	2661
Centro-Oeste	18241

Paraná	13787
Rio Grande do Sul	21011
Santa Catarina	7354
Sul	42152

Espírito Santo	5301
Minas Gerais	28424
Rio de Janeiro	49380
São Paulo	83727
Sudeste	166832

Total	281939
-------	--------

Fonte: Saúde dos Médicos do Brasil, CFM

O desafio da melhoria dos serviços de saúde é universal. Fatores como o envelhecimento da população, o alto custo do atendimento médico, o aumento da incidência de doenças crônicas, dentre muitos outros, tornam imperiosa uma mudança no perfil e na qualidade dos serviços prestados. No centro dessa questão, além do usuário, que demanda tratamento e exige cada vez mais, está o médico.

Para se traçar estratégias de sucesso nos negócios e ainda pensar em mudanças na estrutura de saúde, o médico precisa sempre ser envolvido. Isso porque, sem ele, não existe o sistema de saúde e, sem sua atuação na comunidade, não há como melhorar o cuidado e o acesso à assistência por parte da população. Entender quem é esse profissional, o que ele busca, o que o motiva e quais são os principais desafios e demandas que o envolvem, pode ser um caminho para melhorar o nível de serviços e a qualidade na entrega da saúde no País.

Diante da amplitude de atuação dessa profissão e da diversidade de condições de trabalho confrontadas com diferentes realidades e motivações, buscar um senso comum para traçar o perfil do profissional médico brasileiro pareceu-nos um desafio. Mas houve um traço comum encontrado no decorrer da reportagem: a paixão pela medicina. Os médicos entrevistados para esta reportagem, assim como tantos outros profissionais que atuam nessa área, foram rápidos e precisos em apontar o que os levou a seguir a carreira. A resposta comum foi "nunca pensei em seguir outro caminho".

Na opinião do médico Genário Alves Barbosa, um dos coordenadores do estudo sobre o Perfil do Médico Brasileiro, realizado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) em 2005, não há como optar pela medicina sem amor pela profissão. "Quem opta por essa carreira tem que ter amor pelo que faz. O mercado de trabalho é cruel, o médico nunca para de estudar e ainda tem que ter muita dedicação. A profissão é desafiadora", opina.

Mas o lado romântico fica por aqui. Em busca de realização em um mercado cada vez mais competitivo, com condições de trabalho desafiadoras e ainda diante de um cenário cada vez mais exigente, o profissional médico tem que estar preparado e se adaptar às constantes mudanças do setor.

PROFISSÃO EM ASCENSÃO

Para começar a entender as demandas e desafios para os profissionais médicos brasileiros, o primeiro ponto a ser analisado é o crescimento acelerado no número de profissionais. Dois grandes estudos realizados para traçar o perfil do médico brasileiro, em períodos distintos, ilustram a evolução desse crescimento. O primeiro, realizado pela Fundação Oswaldo Cruz e apresentado em 1998, indicava a existência de 183 mil médicos atuantes no País. O segundo, realizado em 2005, pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) apontava a existência de 281 mil médicos. Neste período houve um ingresso médio anual de 14 mil médicos no mercado nacional, e a perspectiva é que esse número aumente nos próximos anos. "O aumento no número de profissionais está diretamente ligado ao crescimento de escolas médicas. Hoje são 176 cursos e, em poucos anos, serão formados de 18 mil a 20 mil médicos a cada ano", aponta Barbosa.

Isso faz com que o Brasil supere o índice recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A entidade recomenda a existência de um profissional médico para cada mil habitantes. A média no Brasil, em 2005, era de 1,60 médico/mil habitantes. No entanto, a má distribuição entre as regiões faz com que essa proporção seja maior em algumas localidades e abaixo do índice em outras. No Estado de São Paulo, por exemplo, está a maior concentração de profissionais médicos do País, com 92.558 inscrições no Conselho Regional (Cremesp), o que significa 2,3 médicos por mil habitantes, sendo que na capital essa

Reportagem de Capa

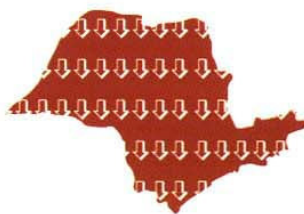
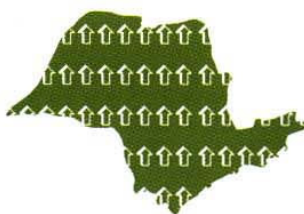
proporção chega a 3,96 médicos por mil habitantes. Os dados são de um levantamento feito pelo Cremesp em 2007. "As condições de trabalho nos grandes centros, assim como a concentração de oferta de residência médica e avanço das instituições de saúde acabam atraindo os profissionais", analisa o diretor científico da Associação Médica Brasileira (AMB), Edmund Baracat. Na distribuição entre capitais e cidades do interior, 62,1% dos médicos estão nas capitais, enquanto 37,9% atuam no interior.

DISTRIBUIÇÃO DE ESPECIALIDADES

Com o aumento de oferta de mão-de-obra médica no mercado de saúde a cada ano, aumenta também a concentração em algumas especialidades. Dentre as 53 especialidades reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina e pela Associação Médica Brasileira, de acordo com o estudo da Fiocruz, 10 se sobressaem entre as demais, concentrando 62,1% dos profissionais. São elas: pediatria, ginecologia e obstetria, medicina interna, cirurgia geral, anesthesiologia, cardiologia, ortopedia e traumatologia, oftalmologia, psiquiatria e medicina geral e comunitária.

Essa concentração também foi apontada no estudo do CFM de 2005. Os fatores que explicam a alta concentração de especialistas em determinadas áreas relacionam-se à demanda por profissionais nas regiões de alta concentração médica, à facilidade de acesso ao título de especialista e à atração por melhores salários e condições de trabalho. "A lei de mercado prevalece na escolha pelas especialidades médicas. As decisões normalmente estão atreladas às condições de trabalho e às perspectivas para

ESPECIALIDADES MÉDICAS NO ESTADO DE SÃO PAULO



MAIS PROCURADAS

Ginecologia e Obstetria	8413	15.60%
Pediatria	6314	11.70%
Cirurgia Geral	3848	7.10%
Clínica Médica	3646	6.80%
Cardiologia	3488	6.50%

MENOS PROCURADAS

Endoscopia	72	0.10%
Mastologia	46	0.10%
Medicina Esportiva	34	0.10%
Genética Médica	24	0.00%
Cirurgia de Mão	22	0.00%

AS 10 PRINCIPAIS ESPECIALIDADES POR REGIÃO



NORTE

Pediatria	13.00%
Ginecologia e Obstetria	12.20%
Medicina Interna	8.40%
Medicina Geral e Comunitária	6.90%
Cirurgia Geral	6.30%
Anesthesiologia	5.10%
Dermatologia	3.30%
Oftalmologia	3.10%
Ortopedia e Traumatologia	2.70%
Medicina Sanitária	2.60%
Outros	36.40%



NORDESTE

Pediatria	14.20%
Ginecologia e Obstetria	12.10%
Medicina Interna	9.50%
Cirurgia Geral	6.00%
Anesthesiologia	4.30%
Cardiologia	3.90%
Psiquiatria	3.80%
Oftalmologia	3.70%
Medicina Geral e Comunitária	3.20%
Ortopedia e Traumatologia	3.10%
Outros	63.80%



CENTRO-OESTE

Pediatria	15.80%
Ginecologia e Obstetria	13.40%
Medicina Interna	10.40%
Cirurgia Geral	7.30%
Anesthesiologia	5.90%
Cardiologia	4.90%
Ortopedia e Traumatologia	3.70%
Medicina Geral e Comunitária	3.40%
Oftalmologia	3.10%
Radiologia	1.90%
Outros	30.20%

Reportagem de Capa

2009-03-01

a carreira. Além disso, a oferta de vagas de residência médica em cada região acaba determinando a maior concentração de especialistas”, explica Barbosa.

As pesquisas apontam uma mudança na formação dos especialistas nos sete anos que as separaram. O estudo da Fiocruz aponta que 74,1% dos médicos fizeram residência médica e que 40,7% fizeram algum tipo de especialização. No estudo de 2005, os números mudam: 61,6% fizeram residência médica e 37,3% fizeram algum tipo de especialização. Em contrapartida, houve um aumento na realização de mestrado e doutorado. Em 1998, 7,7% dos médicos tinham mestrado e 3,7% doutorado, contra 14% dos médicos com mestrado em 2005, 6,8% com doutorado e 1,3% com pós-doutorado.

Na escolha pelas especialidades, Barbosa aponta que, atualmente, há um especial interesse por áreas como cirurgia plástica, dermatologia estética, cirurgia geral e especialidades que envolvem procedimentos com órteses e próteses e equipamentos. “A máquina está destituindo o cérebro do médico. A dedicação ao paciente e à profissão é que determina o médico como um ser social, e não o amor à máquina”, critica.

MAIS JOVENS

Uma característica marcante no perfil destes profissionais é a juventude. Do total de médicos brasileiros, 63,4% têm menos de 45 anos e apenas 3% têm mais de 60 anos. Do tempo de experiência após a graduação, 48,2% têm até 15 anos de formado.

O levantamento realizado pelo Cremesp, em 2007, apontou que 28,67% dos profissionais atuantes em São

TEMPO DE TRABALHO

TEMPO DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE	%
Até 5 anos	2090	14.6
De 6 a 10 anos	2634	18.4
De 11 a 15 anos	2178	15.2
De 16 a 20 anos	2254	15.7
De 21 a 25 anos	2259	15.8
De 26 a 30 anos	1832	12.8
De 31 a 40 anos	921	6.4
41 anos e mais	173	1.2

Fonte: O Médico e Seu Trabalho, CFM

Paulo têm menos de nove anos de formado. Mais uma consequência do aumento das escolas médicas, sobretudo no Estado. “O mal de se ter a abertura indiscriminada de escolas de formação médica é a qualidade duvidosa do ensino. O mercado de trabalho absorve os entrantes, mas é preciso verificar a qualidade desses profissionais”, analisa Baracat, da AMB.

“O médico de verdade precisa ser bem treinado. Estar atento às necessidades do paciente e estar preparado para atendê-las. Não pode haver uma banalização da atividade”, assinala Barbosa, do CFM.

CONDIÇÕES DE TRABALHO

Quanto mais profissionais no mercado de trabalho, mais acirrada fica a disputa por colocação no mercado e por melhores salários. Embora a pesquisa do CFM tenha apontado que 98% dos médicos estão exercendo o seu trabalho, 58,4% disseram considerar a profissão desgastante.

O acúmulo de atividades se apresenta como uma das razões para o desgaste da profissão. O estudo realizado pela Fiocruz indicava que 75,6% dos médicos tinham até três atividades, sendo o atendimento em



SUDESTE

Pediatria	13.20%
Ginecologia e Obstetrícia	11.60%
Medicina Interna	6.90%
Anestesiologia	5.50%
Cardiologia	5.40%
Cirurgia Geral	4.90%
Ortopedia e Traumatologia	4.10%
Oftalmologia	3.70%
Psiquiatria	2.90%
Medicina do Trabalho	2.80%
Outros	39.00%



SUL

Pediatria	13.00%
Ginecologia e Obstetrícia	11.50%
Medicina Interna	9.70%
Cirurgia Geral	6.20%
Psiquiatria	5.50%
Anestesiologia	5.10%
Cardiologia	4.10%
Medicina Geral e Comunitária	3.60%
Ortopedia e Traumatologia	3.20%
Oftalmologia	3%
Outros	35.10%



Reportagem de Capa

NOVO CÓDIGO DE ÉTICA

Para atualizar o conjunto de regras que rege a ética no exercício da medicina, o CFM criou uma Comissão Nacional de Revisão do Código. A iniciativa teve o objetivo de atualizar os princípios de ética e envolver toda a classe médica na discussão e reformulação dos preceitos éticos, técnicos e morais da medicina.

Os médicos puderam enviar sugestões e propostas pelo site do CFM até o dia 28 de fevereiro. No final de março, as propostas serão apresentadas na Conferência Nacional de Ética Médica. As sugestões contribuirão para o anteprojeto do novo código.

“O código existe há mais de 20 anos e muita coisa evoluiu na prática da medicina. O novo regimento deve contemplar questões como prescrição eletrônica, sigilo das informações, segurança do paciente, entre tantas outras. É uma iniciativa positiva e necessária”, destaca Barbosa.

RENDA X NÚMERO DE ATIVIDADES

RENDA	QUANTIDADE DE MÉDICOS COM DUAS OU TRÊS ATIVIDADES
Até R\$ 2000,00	48,8%
R\$ 2001,00 até R\$ 4000,00	55,6%
Mais de R\$ 4000,00	53,10%

Fonte: Saúde dos Médicos no Brasil. CFM.

consultório a principal delas, e 24,4% acumulavam quatro ou mais atividades. Num estudo mais recente do CFM sobre a saúde dos médicos no Brasil, o percentual de médicos com três atividades subiu para 82,2%, e os que acumulam quatro atividades ou mais caiu para 6,9%.

O número de atividades está relacionado com a renda. Os que ganham até R\$ 2 mil por mês realizam até três atividades, sendo que 60% dos profissionais com essa faixa salarial concentram-se em apenas uma atividade. Dos que ganham entre R\$ 2.001 até R\$ 4 mil, 90,5% tem até três atividades e apenas 34,9% têm uma única atividade. Dos que ganham mais de R\$ 4 mil, 80,6% afirmaram ter três atividades, e apenas 27,5% trabalham em um só local. Além disso, no estudo, 45,5% disseram trabalhar em regime de plantão e 39,5% declararam trabalhar de 41 a 60 horas semanais.

“Houve uma defasagem muito grande nos ganhos salariais dos médicos, o que faz com que tenham que acumular atividades para manter um padrão de vida adequado. É uma rotina desgastante”, aponta Barbosa.

O levantamento do CFM indicou que 67% dos profissionais médicos têm atividades em consultório, que 69,7% deles atuam no setor público e 53,8% no setor privado. O estudo também indicou que 11,1% dos profissionais têm uma fonte de renda não-médica.

FORMAÇÃO MÉDICA E QUALIDADE DE ENSINO

A formação dos profissionais tem sido umas das questões mais discutidas no cenário médico nacional. Com a abertura de novas escolas médicas, a qualidade do ensino e da formação dos novos profissionais passou a ser questionável. “A abertura indiscriminada de cursos particulares pode trazer prejuízos à sociedade. É preciso haver condições mínimas de funcionamento, estrutura de ensino e formação dos médicos, além de atender à demanda da sociedade”, assinala o diretor da AMB, Edmund Baracat. Segundo dados do Ministério da Educação, hoje há 176 cursos de medicina no Brasil, sendo que 15 deles foram abertos nos últimos dois anos.

Do total de médicos no País, 69,9% são graduados em instituições públicas de ensino e 30,1% em instituições privadas. Para manterem-se atualizados e

buscarem melhores colocações no mercado, segundo a pesquisa do CFM, 78,1% concluíram algum tipo de pós-graduação. Desta fatia, 61,6% fizeram residência médica, 37,3% fizeram cursos de especialização, 14% concluíram o mestrado, 6,8%, o doutorado e 1,3% dos médicos fizeram o pós-doutorado. No período de sete anos, houve uma diminuição de realização de residência, passando de 74,1% em 1998 para 61,6%. “Ampliar a oferta de vagas de residência é um caminho para melhorar a qualidade de ensino. Mas também há muitos médicos que optam por fazer residência e acabam não atuando na área de especialização, buscam o curso só para ter a titulação e melhores condições de trabalho. São muitas questões que precisam ser revistas”, avalia Barbosa.

Para manterem-se atualizados, 86,7% dos profissionais participam de congressos médicos. Desse montante, 60,2% frequentam congressos locais, 66,9%, regionais; 67% dos médicos vão a congressos nacionais; 72,6% frequentam congressos internacionais realizados no Brasil e 64,9% disseram já ter ido a um congresso no exterior. A participação nas sociedades de especialidades é vista como um facilitador para o acesso às atualizações científicas: 71,3% dos médicos declararam fazer parte dessas sociedades. “A atualização é fundamental para o profissional médico, mas, infelizmente, só tem acesso quem pode pagar por elas. E, diante das condições precárias de trabalho, para muitos médicos fica difícil dedicar-se a isso”, pondera o representante do CFM.

FORMAÇÃO DOS MÉDICOS

GRADUAÇÃO	
Instituição Pública	69,9%
Instituição Privada	30,1%

PÓS-GRADUAÇÃO	
Residência Médica	61,6%
Cursos de especialização	37,3%
Mestrado	14%
Doutorado	6,8%
Pós-doutorado	1,3%